



**Exmº Senhor Governador do Distrito 115 – CS – Portugal, Divisão 9 do Lions Club Internacional, Sr. António Angeiras**  
**Exmºs Senhores Membros do Lions Club de Almada e do Lions Almada Tejo**  
**Exm<sup>as</sup> Senhoras e Senhores participantes**

Neste Dia Internacional da Mulher – 8 de Março, é com o maior prazer e honra que dou vos dirijo estas palavras, desejando dar-vos a todos as boas vindas ao Concelho de Almada, e a este Teatro Municipal, equipamento recente que integra a Rede de Equipamentos Municipais de Cultura e agradeço à organização do Lions Club Internacional a oportunidade que me é dada de participar neste importante debate sobre o papel e a situação actual da mulher na nossa sociedade.

Saúdo, por isso, com muita satisfação e reconhecimento, a iniciativa do Lions Club de celebrar o Dia Internacional da Mulher em 2008 através da realização deste Fórum “A Mulher e a Família”, e permitam-me que considere esta iniciativa, que muito nos honra que decorra em Almada, parte integrante e enriquecedora do vasto programa de comemorações do 8 de Março que decorre no nosso Concelho, um pouco por todas as freguesias.

Abordar o tema da Mulher e da Família, sublinhando os traços mais fortes que vincam, ainda hoje, uma relação muito estreita e muito especial da Mulher com a Família, assume necessariamente uma grande importância.

É um facto, é do comum conhecimento de todos nós, que a Mulher continua a desempenhar um papel nuclear na estruturação e organização daquele que continua a ser, também, o núcleo essencial da sociedade como a conhecemos – a Família. Mas é igualmente um facto que a Mulher vem assumindo em termos mais amplos na sociedade – se quisermos, numa expressão mais popular, “fora de casa” –, um papel crescente de participação e de responsabilidade, que marca, particularmente pelas transformações sociais (e políticas) ocorridas a este nível desde os finais do século

XIX e durante todo o século XX, um novo paradigma do papel da Mulher na sociedade, pelo menos na nossa sociedade a que convencionamos chamar “ocidental”.

Permitam-me pois, como Autarca, Presidente de uma Câmara Municipal, me centre e sublinhe particularmente naquilo que são as nossas experiências a nível local.

Almada é um Concelho de Causas e de Valores, que aposta, decididamente, e com todo o empenho, na criação das condições para que a prática de uma solidariedade activa, de construção colectiva de um futuro melhor para todos os cidadãos, constitua não apenas uma intenção e um objectivo onírico e utópico – diria uma boa intenção e um bom objectivo –, mas seja, para além disso, uma realidade permanente, sempre presente no quotidiano dos Almadenses, estimulando-os a uma participação cívica activa na construção das soluções para os problemas que directamente lhes dizem respeito, assumindo plenamente o seu estatuto de cidadão.

Neste sentido, homens e mulheres, em sintonia e harmonia, são determinantes para o êxito dos propósitos de Desenvolvimento Sustentável e Solidário que prosseguimos.

As Causas e os Valores que alimentam este nosso propósito maior, são as causas e os valores da Paz, da Amizade, da Solidariedade, do Trabalho, da Vida. São as causas mais nobres dos seres humanos, de todos os seres humanos sem distinções de qualquer tipo ou natureza. São essas causas e valores que celebramos permanentemente, sublinhando-os no nosso quotidiano, pela orientação e prioridades que conferimos ao nosso trabalho nas mais diversas vertentes da actividade que desenvolvemos, enquanto comunidade, e pelo seu registo físico no nosso espaço público.

Entendemos que importa tornar presentes estes valores e estas causas aos sentidos de todos quantos vivem, trabalham e usufruem o nosso espaço comum. Traduzimo-los em peças de arte pública, que democratizam o acesso à arte e à cultura, mas que afirmam igualmente no quotidiano a permanente procura de Paz, Amizade, Solidariedade e Vida, que nos move e nos anima na construção de um mundo cada vez melhor.

Também à Mulher, a todas as Mulheres, Almadenses e do Mundo inteiro, decidimos perpetuar no espaço público do nosso Concelho uma homenagem pela sua luta, pelo seu trabalho, pela sua incansável dedicação a uma causa de extraordinária dimensão e significado para todos os Homens: a causa da Vida.

A partir precisamente de hoje, dia 8 de Março de 2008, o Monumento à Mulher passa a enriquecer o património artístico público do nosso Município e, tenho a certeza, de todos os Almadenses, sublinhando de forma singela o papel que as Mulheres desempenharam e desempenham na sociedade em que vivemos, o papel que, no fundo, as Mulheres sempre desempenharam em todas as sociedades e em todos os tempos.

Poderemos perguntar-nos se tem hoje sentido, em pleno século XXI, uma época em que se afirma e reafirma a igualdade de direitos, em que a Lei consagra essa igualdade em patamares de absoluto, podemos perguntar-nos, dizia eu, se tem sentido hoje erigir um Monumento à Mulher. Penso que a resposta é afirmativa, que tem todo o sentido.

Um longo caminho de luta, tantas vezes marcado por um profundo sacrifício das suas vidas pessoais e familiares, foi sem dúvida já percorrido pelas mulheres. Muitas conquistas foram já, também, alcançadas. O acesso à educação, o reconhecimento da igualdade dos seus direitos cívicos e políticos, o direito de acesso à profissão e a todas as profissões, a liberdade individual de viajar e deslocar-se, entre muitas outras conquistas, integram o património de luta das Mulheres de todo o mundo nestes últimos 150 anos.

Desde o tempo em que Clara Zetkin, uma das primeiras activistas dos direitos das mulheres, defendia a igualdade de tratamento das mulheres no trabalho, quando então estavam sujeitas a uma carga horária muito superior à dos homens – chegando a ter que trabalhar mais de 16 horas por dia! – ganhando salários que na maior parte dos casos não chegavam a um terço dos seus companheiros masculinos, até aos dias de hoje, muitas alterações se registaram na nossa sociedade.

Mas a luta não está ainda ganha para as mulheres e para a humanidade. Muitas desigualdades, tantas vezes dissimuladas, escondidas, envergonhadas, permanecem entre nós. Mas sobretudo permanecem, no nosso mundo actual, enormes desigualdades geográficas. Porque não podemos iludir a realidade: as conquistas das mulheres pela sua luta neste século e meio passado, não se repercutiram, de forma idêntica, em todas as partidas do mundo. E em muitos países, em vastas áreas do nosso planeta, desigualdades profundas, desumanas, ignóbeis permanecem pautando a vida de povos inteiros.

E mesmo entre nós, há ainda passos a dar. Muitos passos a dar. Um estudo da Universidade de Coimbra realizado em 2006, e recentemente divulgado por um semanário nacional, dá-nos conta de que mais de um quarto das mulheres portuguesas, isto é, mais de uma em cada quatro, é totalmente dependente, do ponto de vista económico, do rendimento do seu companheiro. E diz-nos este estudo universitário também que, sendo verdade que existe uma tendência para a diminuição do número de mulheres dependentes a longo prazo, a verdade é que não se tem registado nos últimos anos uma diminuição.

Ao mesmo tempo, aquele estudo revela que para além da dependência económica e financeira absoluta, continua a registar-se uma dependência parcial muito significativa, uma vez que persistem discrepâncias muito acentuadas no rendimento mensal entre homens e mulheres. E o estudo dá exemplos: dados do INE de 2006 revelam que, em média, os homens ganham mais 137 euros por mês do que as mulheres, um diferencial que cresce com a qualificação profissional. No exemplo limite que é apontado, entre os quadros superiores da administração pública e os

dirigentes de empresas, as mulheres ganham, em média, menos 345 euros por mês que os homens.

Por outro lado, dados igualmente muito recentes divulgados a nível europeu pelo Eurostat, apontam no sentido de se manter, mesmo na Europa dos 27, uma situação muito desfavorável às mulheres no que respeita ao desempenho de cargos políticos. De facto, apenas um quarto dos membros dos diferentes parlamentos europeus são mulheres, assim como apenas um quarto dos membros dos governos são mulheres. Não são publicados dados sobre a situação concreta em Portugal, mas é possível ter uma ideia desta realidade quando pensamos no número de mulheres que são Presidentes de Câmaras Municipais no nosso país: apenas 8 e 308 Municípios!

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Não obstante esta realidade, é certo que as Mulheres desempenham hoje um papel essencial na nossa sociedade. Continuando a assumir as principais responsabilidades a nível familiar, mau grado a crescente partilha a que vimos naturalmente assistindo neste domínio, as mulheres assumem, também cada vez mais, o seu papel enquanto profissionais, detentoras de um emprego fora de casa. Ao mesmo tempo, as mulheres desdobram-se ainda em actividades associativas de diversa natureza, normalmente de carácter voluntário e gracioso, assumindo a este nível particular significado a sua intervenção no que respeita ao voluntariado, tema, aliás, uma das intervenções do fórum em que nos encontramos.

A sociedade deve, por isso, reconhecer cabalmente este papel desempenhado pelas mulheres, um papel que é naturalmente fundamental para a própria sobrevivência da sociedade, e organizar-se no sentido de procurar diminuir o sacrifício que ainda hoje representa realidade vivida pelas mulheres.

Por isso as homenageamos. Por isso entendemos que continua a justificar-se a celebração de uma data que, mais do que um dia em que todos nos lembramos de que esta é a realidade com que vivemos no nosso quotidiano, é um dia que nos desperta a consciência para a necessidade imperiosa de, todos os outros dias do ano, lutarmos e trabalharmos para reduzir as assimetrias que ainda persistem na nossa sociedade. Mulheres e homens juntos, porque as desigualdades impostas às mulheres, afectando necessariamente toda a sociedade, são, e têm que ser cada vez mais, também problema dos homens.

Permitam-me que termine com uma referência concreta ao meu Concelho, ao nosso Concelho de Almada. Já referi atrás, iremos passar a ter no nosso território um Monumento à Mulher a partir de hoje. Singelo, mas sentido, esta foi uma decisão unânime dos homens e mulheres que, na Câmara Municipal de Almada, trabalham e lutam diariamente, dando aquilo que sabem e que têm, na construção, em primeiro lugar, de um Concelho mais solidário e mais humano, de oportunidades idênticas para todos, sem distinção de sexo, religião, etnia ou condição política ou económica, e em segundo lugar, contribuindo com esse Concelho mais solidário para um Mundo onde os valores que nos guiam e nos orientam sejam, de igual modo, prosseguidos.

Página 4 de 5

Às Mulheres como Clara Zetkin, que já referi, Anne Frank, Maria Lamas, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Catarina Eufémia, Benazir Bhutto, Marie Curie, ou Edith Piaf, para referir apenas algumas mulheres notáveis da história da Humanidade, e a todas as outras Mulheres anónimas, que emprestam os seus nomes ao Monumento que Almada erigiu em sua homenagem, a essas e todas as Mulheres do mundo que lutam por uma vida mais digna e mais harmoniosa para todos os seres humanos, desejo daqui expressar o meu mais sentido e profundo respeito e aplauso, pelo seu inestimável contributo à construção de um mundo melhor, onde as diferenças que existem entre os Homens possam ser olhadas e entendidas como factores de enriquecimento, desenvolvimento e progresso para a Humanidade, e não como motivo de discriminação e repressão de alguns sobre a grande maioria.

Termino reiterando as minhas sinceras saudações à Organização deste Fórum “A Mulher e a Família”, renovando o meu agradecimento pela oportunidade que me deram para aqui vos dirigir algumas palavras.

Viva o Dia Internacional da Mulher

Muito obrigada.

Almada, 8 de Março de 2008

A Presidente da Câmara Municipal de Almada  
Maria Emília Neto de Sousa